



Entre a cruz e a espada: a decisão de Pilatos

Autor: Ricardo David Magalhães. Pós-Graduação Lato Sensu – MBA em Gestão Estratégica de Pessoas. Senac Minas. Patos de Minas/MG. E-mail: ricardodavid.magalhaes@hotmail.com

Orientadora: Prof.^a Aline Rodrigues da Fonseca. Administradora de Empresas. Especialista em Engenharia e Inovação. Especialista em Gerenciamento de Projetos. aline.fonseca2609@gmail.com

1. Introdução

Era para ser só mais uma sexta-feira comum em Jerusalém. O governador Pôncio Pilatos só queria acordar tarde, tomar um bom e farto café da manhã, assinar alguns documentos, dar umas ordens aqui e outras ali e cuidar dos assuntos da província para evitar problemas com o imperador. Mas, já por volta das seis da manhã se encontrava de pé, bufando de ódio e com um gigantesco abacaxi em suas mãos para descascar. Os sacerdotes judeus haviam levado até ele um suposto criminoso de nome Jesus para ser julgado e condenado à morte. A princípio Pilatos acreditou ser de fato apenas mais um criminoso do estilo ladrão “pé de chinelo” que rouba algumas ovelhas, moedas de prata, etc. No entanto, ao interrogar o tal Jesus, Pilatos não enxergava no prisioneiro o perfil de um criminoso; talvez um cara com sérios problemas mentais, desses que acreditam ser o Capitão América, o Batman ou coisa assim, mas não um criminoso. Agora, uma coisa deixava Pilatos muito encafifado: o porquê aquele homem era odiado de forma tão visceral por aqueles que o trouxeram a ponto de desejarem sua morte. E diante do prisioneiro Jesus, dos sacerdotes que o entregaram e dos súditos que lotavam o pátio de seu palácio, Pilatos se viu numa enrascada dessas cabeludas. Ele tinha duas opções para sair dessa: a primeira era usar de seu poder de forma justa e ética inocentando e libertando o tal Jesus, uma vez que ao interrogá-lo não conseguia ver nele razões para ser preso e muito menos morto. E a segunda era atender ao pedido de seus súditos que, ferozmente queriam a condenação e morte do prisioneiro, entendendo que o não cumprimento desse pedido podia gerar um descontentamento maciço do povo, causando rebeliões e

crises civis, o que certamente chegaria ao conhecimento do imperador e colocaria em risco seu cargo de governador.

2. Antecedente e contexto histórico

O Império Romano foi, sem dúvida, um dos governos mais poderosos da história da humanidade. Dominou uma significativa extensão territorial partindo da Europa, Norte da África, Ásia e Oriente Médio. Com um domínio de aproximadamente 500 anos (27 a.C. – 476 d.C.), o Império Romano deixou sua marca na cultura, na política, na religião e na história de muitas nações. A ideologia vindoura de sua expansão territorial lhe atribuiu o conceito de *Imperium sine fine* (império sem fim).

O poder governamental do império romano foi caracterizado à figura do imperador, o César (*Caesar* – “imperador”, “rei”), líder absoluto do império. O senado romano atribuiu aos imperadores o título honorífico de Augusto – que do latim *Augustus* significa “majestoso, venerável” – o que deu à figura dos imperadores uma alusão de superioridade divina. O primeiro imperador romano foi Otávio Augusto (*Caius Julius Caesar Otavianus Augustus*), que governou do ano 27 a.C até 14 d.C. Sendo, pois, Rômulo Augusto (*Flavius Momilus Romulus Augustus*) o último imperador empossado no império romano, governando de 475 a 476 d.C.

O estado imperial romano era regido pelo governo central, o poder militar e o governo provincial. O governo central estava basicamente sob o controle direto do imperador e do senado romano, que determinavam as leis, a política e economia do império. O poder militar, além da defesa da capital e do imperador, impunha o domínio de um território através das campanhas militares que faziam.

Já o governo provincial era mantido nos territórios conquistados pelo poder militar, de modo que ao ser conquistado, o território se tornava uma província do império romano. O território que declarasse sua lealdade à Roma ganhava o direito de manter suas próprias leis e costumes, bem como podiam arrecadar seus próprios impostos ou, em casos excepcionais, serem isentos dos impostos pagos à Roma. Para comandar uma província do império, era eleito em Roma um governador romano que, além das funções administrativas e militares, representava o imperador, sobretudo nas questões jurídicas. A sentença de morte era um bom exemplo da atuação jurídica do governador. E muitas províncias do império somente o governador podia decretar a pena de morte, a quem a ela fosse sentenciada.

3. Quem foi Pilatos?

Numa tarde costumeira na clássica Roma imperial, o senador Demétrius Máximus, responsável pela assessoria imperial, havia sido convocado à presença do imperador Tibério. Apressadamente adentra à sala do imperador e o indaga:

- Ave César, chama-me?! Aqui estou! Ponho-me ao seu dispor para aquilo de que precisas.

- Convoque, imediatamente, Pôncio Pilatos. Tenho assuntos urgentes a tratar com ele. Ordenou o imperador com ar de inquietude.

- Como queiras, César!

Apressadamente o senador se retirou da sala do imperador e em poucos minutos já estava no salão de convidados do palácio, onde, se dirigindo a Pilatos, lhe disse:

- Meu caro, Pilatos! Eis que sua hora é chegada. César o chama para ter com ele.

Com as mãos postas aos ombros de Demétrius, um sorriso meio descontente nos lábios e com certo ar de preocupação, Pilatos o responde:

- Por certo que sim, meu nobre Demétrius! Vamos ao encontro de César!

Com um ar de preocupação e descontentamento, deu um profundo suspiro, e a passos lentos e moribundos os dois foram ao encontro do imperador. Pilatos já tinha conhecimento do que era o tal assunto urgente que o imperador tinha para tratar com ele. O fato é que a província romana da Judeia, no Oriente Médio, necessitava de um novo governador e Pilatos havia sido escolhido pelo imperador Tibério e pelo senado romano para representar Roma na Judeia.

Pilatos sabia que essa era uma das principais províncias do Império Romano no Oriente Médio, mas também sabia que era uma província muito problemática, uma vez que o povo judeu, que lá vivia, não via com bons olhos o governo romano e sempre causava problemas tais como rebeliões, revoltas civis, greves, sonegação dos impostos, etc. Sem contar que a religião do povo judeu era um fator que gerava grande dificuldade para o governo romano, uma vez, que suas tradições e leis iam contra boa parte dos princípios e crença dos romanos. Embora Roma não intervisse nas questões religiosas, sempre havia problemas dessa esfera para serem tratados pelos governantes de lá.

No caminho até a sala do imperador, Pilatos afirmava a Demétrius estar satisfeito em virtude de sua nomeação como governador de uma província romana. Isso faria dele um representante de Roma, a autoridade máxima, teria o poder de mandar e desmandar, seria a voz e os braços do imperador na província. No entanto, afirmava ao senador que sua satisfação vinha meio que a contragosto, pois na mesma medida da alegria de ser promovido estava também a preocupação, pois com os constantes problemas da região, o imperador Tibério já estava muito aborrecido, e precisaria de alguém que impusesse a ordem no lugar, custasse o que custar. Pilatos explicava a Demétrius que entendia que aquela era uma excelente oportunidade de evolução profissional, mas ao mesmo tempo um grande risco à sua carreira, caso não apresentasse resultados satisfatórios.

Chegando à sala do imperador, Demétrius abriu a enorme porta, apertou a mão de Pilatos e lhe disse:

- Caríssimo, esta é tua hora! Alegra-te! Não te preocupes, serás um bom governante! Roma o saúda!

E, em seguida, adentrou na sala e anunciou Pilatos ao imperador.

Ao entrar na sala, Pilatos cumprimentou o imperador Tibério usando a saudação que os gladiadores romanos usavam para saudar o imperador antes de entrarem na arena para os combates:

- *Ave Caesar morituri te salutant!* – Que em latim significa: Salve César! Os que morrerão te saúdam!

- Deixe de cerimônia, Pilatos! Você não vai morrer! A menos, é claro, que me desagrade e não governe a Judeia como eu espero que governe. – Disse o imperador sorrindo com um ardiloso tom de ironia.

Neste momento, Pilatos deu um sorriso meio cabreiro e por um segundo imaginou o imperador desembainhando sua espada, colocando-a em seu pescoço e dizendo categoricamente: “*vai lá e dá um ‘vacilinho’ para você ver se eu não arranco a sua cabeça com esta espada*”. – Respirou fundo e continuou sua conversa.

- Venha! Sente-se à minha mesa. Coma e beba comigo para celebrarmos tua promoção. Solicitou o imperador à Pilatos.

Era o ano de 26 da era cristã. O imperador Tibério Cláudio Nero César havia então nomeado Pôncio Pilatos como seu procurador e a ele deu a nobre e difícil missão de ser governador de uma província do Império Romano.

4. Em Jerusalém

Pilatos então vai para Jerusalém. No caminho contava para sua esposa Cláudia que estava meio contrariado por se mudar para um lugar tão distante de Roma e principalmente por saber que gerir essa província não iria ser uma tarefa tão simples. Além, é claro, da pressão do imperador, que o nomeara justamente para resolver as mazelas da Judeia.

Por outro lado, Pilatos, afirmava a Cláudia que entendia que aquela era uma excelente oportunidade para cair nas graças do imperador. Esta seria sua chance de fazer um trabalho digno que lhe garantisse no futuro uma posição profissional mais elevada junto ao governador e uma vida mais calma e feliz em Roma.

Revelou à sua esposa que faria uma entrada em Jerusalém diferente da entrada dos seus antecessores para mostrar ao povo que ele era o novo governador. Ao chegar, deu aos seus soldados a ordem de andarem pela cidade carregando as insígnias do imperador, estandartes com águias de prata contendo a imagem do imperador.

- Vou mostrar a este povo supersticioso e insolente que a única autoridade é o imperador! – afirmou Pilatos, com olhos fixos no horizonte e cheio de certeza de que faria a diferença naquele lugar.

No entanto, já encontrou dissabores logo no primeiro dia de governo. O povo não aprovou os símbolos do império nas ruas e revoltou-se. Os deputados de Jerusalém foram até a sede dos procuradores romanos em Cesareia e se queixaram contra a atitude de Pilatos, que em seguida recebeu ordens da procuradoria romana de que recolhesse as insígnias imperiais. Ao receber a ordem dos procuradores, Pilatos revelou ao seu centurião, Cássius Décimus, estar bastante frustrado com a ordem, isso menosprezava sua autoridade frente ao povo. Mas em outras oportunidades o povo sentiria sua força.

E as oportunidades vieram. Pilatos mandou construir um aqueduto financiado com o dinheiro do templo dos judeus. Essa atitude enfureceu o povo, que se rebelou em frente ao seu palácio, e como Pilatos e seus conselheiros já esperavam por isso, contiveram a multidão com a força militar. Dessa forma, realizou seu desejo de mostrar

ao povo judeu o poder de sua autoridade. Por outro lado, despertou a atenção dos procuradores da Cesareia, que constantemente o visitavam e o enchiam de extensos questionamentos, auditorias enfadonhas, sempre desconfiados, esperando um passo em falso para o delatarem ao imperador.

Em outro momento, demonstrou novamente ao povo a autoridade que exercia naquele lugar, colocando alguns escudos dourados no palácio do rei Herodes em Jerusalém em honra ao imperador Tibério. Novamente o povo, sentindo-se humilhado, revoltou-se contra Pilatos e pediu alguns membros influentes da sociedade que enviassem uma petição formal ao imperador condenando as atitudes do governo. Uma vez que essa petição chegou à Roma, Pilatos recebeu a ordem de remover os escudos dourados do palácio do rei Herodes e transferi-los para Cesareia. Isso, por consequência, fez com que Pilatos administrasse melhor suas atitudes frente aos judeus, uma vez que, chamando a atenção das autoridades romanas superiores à sua, colocava em risco sua carreira política. De agora em diante Pilatos agiria com mais cautela no exercício de suas atividades como governante.

5. Pilatos conhece Jesus de Nazaré

Numa manhã de sexta-feira, é despertado pelo chamado apreensivo de seu centurião:

- Excelência, peço-vos que perdoe minha intromissão, mas receio que devas comparecer ao pátio do palácio. E já vos digo que não hás de gostar do que irás ver.

- Cássius, meu caro Cássius! Espero que o mundo esteja a um romper de um fio de cabelo para que interrompas meu descanso a esta hora da manhã. Que, aliás, pela claridade que eu não vejo da minha janela, ainda é madrugada, Cássius! É madrugada! – Disse o governador com tom exaltado.

- Ande logo, Cássius, diz-me o que te desespera tanto para incomodar-me desse jeito, homem! – Voltou a rosnar o imperador com seu servo.

- Meu governador, é melhor que vejas por si mesmo. Mas já o adianto do que se trata. Caifás está no Pátio do palácio com os demais membros do Sinédrio. Trouxeram-te um prisioneiro para que o sentencie à morte.

Caifás era o Sumo Sacerdote, a mais alta autoridade religiosa dos judeus. O Sinédrio, que Abnader mencionara, era uma espécie de supremo tribunal dos judeus na época. Era composto por 71 homens com alto poder de influência na sociedade e considerados pelo povo como sábios. Eles eram os responsáveis por interpretar e

aplicar as leis que regiam as crenças e costumes religiosos dos judeus. Caifás também era o chefe do Sinédrio.

- Estás zombando de mim, não é mesmo?! – Indagou Pilatos, bufando de ódio.

E levantando-se continuou:

- Sabes da minha imensa antipatia por este bando de abutres agourentos. Não passam de velhos cretinos e dissimulados. Lunáticos, supersticiosos e fanáticos que falam de um Deus invisível todo poderoso. Minha cabeça dói só de pensar que vou olhar pra eles. E ainda por cima, vieram me pedir favores. Embora essa parte não seja ruim, uma vez que eu posso tripudiar em cima desses carniceiros. Vivem causando dificuldades que eu tenho que resolver. Adorariam ver César me destituir do meu cargo. Eu deveria era matar todos, só pra ver a antipatia dessa escória morrer junto com eles. Peçam que entrem e me aguardem no Pretório.

- Excelência, eles querem ter com o senhor lá fora. Disseram que em virtude da páscoa que se aproxima, não podem entrar no palácio para que não fiquem impuros.

– Disse Cássius já esperando o governador ter um surto psicótico de raiva.

- E agora afrontam-nos dessa maneira?! São muito ousados mesmo! Esses cães imundos não podem entrar no meu palácio porque ficarão impuros?! Por mil diabos! Deixe-me ir logo ter com esses cães infernais para que saiam daqui o quanto antes.

– Disse o governador exaltadíssimo.

Pilatos se levantou, vestiu-se de maneira apropriada e foi às portas do palácio. Ao chegar do lado de fora, no topo da escada, sentiu um calafrio chacoalhar sua espinha. A cena que via naquele momento o fez desejar dormir pela eternidade. Conforme Cássius descrevera, lá estava Caifás e os membros do Sinédrio, e para piorar ainda mais, o pátio do palácio estava entupido de judeus que seguiam o Sumo Sacerdote. E junto deles, acorrentado dos pés à cabeça e vigiado por um grupamento de soldados, visualizou o tal prisioneiro que traziam consigo.

- Cássius, consegues explicar-me o que significa isto? O que é toda esta multidão às portas do palácio assim tão cedo? Não me disse que Caifás estava aqui? E toda esta gente? Maldição! Fique atento ao que eles querem. Deixe os soldados de prontidão. Não quero manifestações nem rebeldia desta escória às portas do palácio ou pela cidade. Não quero pôr em risco minha reputação frente a César. Vamos acabar logo com isso.

Conforme descrito no evangelho de João (Bíblia de Jerusalém, 2002), Pilatos posicionou-se no auto da escada e indagou a Caifás:

- Meu caro, Caifás. Há quanto tempo não o vejo. Vejo que trazes à minha porta um prisioneiro. Que acusação tens contra ele?

- Pilatos Antipas, caso não fosse um malfeitor não o teria trago a ti. – Disse Caifás, alfinetando Pilatos.

- Sinto pressa em teus dizeres, caro Caifás. Se bem sei, tu também és uma autoridade, porque não o leva e o julga conforme vossa lei? – Afirmou Pilatos, já sem muita paciência e desejoso que fossem embora logo.

Caifás retrucou imediatamente, percebendo em Pilatos certa descrença em atender o desejo que os levavam até ali:

- Caro governador. Não nos é permitido matar, por isso trouxemo-nos a ti. Para que o julgue e o condene.

Pilatos aproximou-se de Cássius e afirmava ao servo de sua inquietação quanto ao favor que os judeus vieram pedir. Pilatos e Cássius perguntavam-se o que teria feito Jesus para que fosse condenado à morte.

O prisioneiro Jesus era um homem vindo de Nazaré que muitos acreditavam ser o messias, o filho de Deus das tradições judaicas. Caifás o levava até Pilatos, porque só o governador romano podia julgar um prisioneiro e condená-lo à pena de morte. Os judeus queriam a morte de Jesus de Nazaré porque ele se dizia o filho de Deus. E essa era uma afronta ou blasfêmia, como os judeus chamavam. A punição a essa afronta era a morte. Então, Pilatos pediu que Cássius e os soldados conduzissem Jesus para o interior do palácio para que pudesse interrogá-lo e descobrir se de fato ele merecia tal pena.

6. O diálogo com Jesus

Conforme é descrito no evangelho de João (Bíblia de Jerusalém, 2002), Pilatos levou Jesus para dentro do seu palácio e o interrogou.

- Então és Jesus, o nazareno! Finalmente tenho a honra de conhecê-lo! Ouço muito a teu respeito. Estou curioso, dizem que és o rei dos judeus. És, de fato, o rei dos judeus?

- Estás a me perguntar por sua própria curiosidade ou porque os outros te informaram isso a meu respeito? – Respondeu Jesus.

- Penso que não tenhas percebido direito, Jesus. Mas por acaso seria eu um judeu? Sabes que não o sou. Então, por isso vos interrogo, pois foi teu povo e teu sumo sacerdote que te trouxeram até aqui. E pelo que entendi, não estão muito satisfeitos contigo. Que fizeste ao teu povo para estarem tão descontentes? – Questionou Pilatos a Jesus.

- Veja bem, governador. Meu reino não é deste mundo. Acaso fosse, meus guardas me defenderiam e muito possivelmente não estaríamos tendo este diálogo, porque meu exército não permitiria que eu fosse entregue aos judeus. Então, se aqui estou, como prisioneiro, vêes que meu reino não é daqui. – Afirmou Jesus, ao responder Pilatos.

- Então afirmas ser rei? – Questionou novamente Pilatos a Jesus.

- Tu é quem estás afirmando que sou rei. Eu quero que saibas que foi para isso que vim ao mundo. Digo a verdade e dou testemunho dela. Quem diz a verdade ouve minha voz. – Respondeu Jesus.

Pilatos conduziu Jesus para fora do palácio e afirmou a todos que não percebia nele razão para que fosse condenado e decidiu soltá-lo. No entanto, indignados com a decisão, o sumo sacerdote interpelou Pilatos, afirmando que Jesus era sim um malfeitor e deveria ser condenado por se dizer filho de Deus. E então lhe pediram a crucificação de Jesus.

- Não estou lhes entendendo. Queres que crucifique o rei de vocês? Por acaso não seria errada minha atitude. Pensem, é vosso rei. – Disse Pilatos, com certo ar de sarcasmo, mas tentando livrar Jesus da morte.

Ao perceber as intenções de Pilatos, Caifás o interpele:

- Não temos outro rei, meu caro governador, se não o grande César. Este nazareno se diz rei, e todo aquele que se proclama rei se coloca contra César. Por acaso, governador, defenderás quem se posiciona contra César? Se inocentar e livrar este homem, não és um servo fiel a César.

Neste momento o povo se agitou muito. Pilatos, percebendo a agitação do povo, chamou Jesus novamente para dentro do palácio e pôs-se a conversar com ele outra

vez. No entanto, Jesus não respondeu às perguntas de Pilatos, o que não permitiu uma decisão satisfatória sobre o que fazer com Jesus. Neste momento, Cláudia, a esposa de Pilatos, pediu ao marido que não condenasse Jesus, pois ela acreditava em sua inocência.

Pilatos, então, pediu que castigassem Jesus, açoitando-o. Acreditou que essa estratégia satisfaria os judeus.

7. O Dilema de Pilatos

Pilatos retornou com Jesus para fora do palácio, o apresentou completamente ferido e argumentou com Caifás e seus seguidores de que não havia encontrado em Jesus nenhum crime, sobretudo que não via a necessidade de puni-lo com a morte, pois já o castigara o suficiente. Mas o castigo só fez com que o povo gritasse ainda com mais força pela morte de Jesus. Caifás, por sua vez, não concordava com Pilatos e incitava a multidão a pressionar um posicionamento favorável à condenação de Jesus. Ao perceber que a multidão se agitava ainda mais enfurecida às portas de sua casa, Pilatos chamou Cássius para um canto da sala e se pôs a argumentar sobre a situação:

- Veja bem, meu caro Cássius, a enrascada em que me vejo. Esse tal Jesus não é nenhum criminoso que mereça a morte. Está mais para um lunático sem eira nem beira. Ele não é merecedor de uma condenação. O certo a se fazer é inocentá-lo e libertá-lo. – Mencionou Pilatos ao seu servo, enquanto caminhava apreensivo de um lado para outro. E prosseguiu com seu raciocínio:

- E veja o quanto Caifás é velhaco. Velho asqueroso dos infernos! Ele trouxe esse tal Jesus aqui, porque sabe que somente o governador pode desenvolver um julgamento que culmine na sentença de morte. Ele não está aqui simplesmente pedido um favor qualquer a mim. Ele não quer a responsabilidade do sangue desse homem, mas quer que eu a assumo. Então, eu me vejo diante de uma cruz para impor a morte a esse homem. E não vejo nele crime algum. E o pior é que Caifás está incitando o povo a ir contra minha decisão. Essa raça de víboras a qualquer momento pode gerar uma rebelião aqui no palácio ou na cidade. Os procuradores de Cesareia estão me observando, qualquer passo em falso posso ser interpelado por eles. E com toda certeza não tolerariam uma rebelião e me delatariam ao imperador. Isso destruiria minha carreira. – Afirmava Pilatos andando mais rápido e desconsertado.

- Cássius, o que devo eu fazer? Que atitude tomar?

E assim se deu o dilema de Pilatos. O que fazer: condenar Jesus de Nazaré à morte, mesmo não tendo percebido nele nenhum sinal de que fosse um criminoso, e assim, evitar uma possível desordem civil que poderia pôr em risco seus interesses pessoais e seu cargo profissional. Ou agir de modo justo e ético, revelando ser um governante descente e coerente com seus princípios e inocentar Jesus, deixando-o livre daquele julgamento?

Resumo

Este caso para ensino evidencia o processo de tomada de decisão de um líder que enfrenta um dilema comum no cenário da liderança: agir de maneira justa, preservando os valores morais e princípios éticos de um líder ou agir em favor dos interesses pessoais e preservando a carreira profissional a qualquer custo. O caso narra a história de Pôncio Pilatos, personagem importante, porém pouco observado, da história da paixão e morte de Jesus de Nazaré, que esteve diante de um dilema, em que condenava Jesus à morte para que o povo não se revoltasse, o que colocaria seu posto de governador em perigo; ou, inocentava Jesus, não tendo visto nele nada que o caracterizasse como criminoso. O caso permite o debate sobre o papel do líder nos processos de tomada de decisão, bem como da forma como a decisão é tomada. Se é baseada no senso de justiça ou se visa os interesses pessoais. Este caso é recomendado para cursos de graduação e pós-graduação das áreas administrativas, em disciplinas que abordem temas como gestão de pessoas, liderança, plano de carreira, planejamento estratégico e tomada de decisão. Sendo possível ainda ser trabalhado em disciplinas que abordem os conceitos de justiça, ética e moral.

Palavras-chave: Dilema. Tomada de Decisão. Líder.